



University of
Texas Libraries



e-revist@s



Centro Unversitário Santo Agostinho

revistafsa

www4.fsnet.com.br/revista

Rev. FSA, Teresina, v. 19, n.6, art. 4, p. 72-89, jun. 2022

ISSN Impresso: 1806-6356 ISSN Eletrônico: 2317-2983

<http://dx.doi.org/10.12819/2022.19.6.4>

DOAJ DIRECTORY OF
OPEN ACCESS
JOURNALS

WZB
Wissenschaftszentrum Berlin
für Sozialforschung



MIAR



A Loucura em Amarelo: Uma Análise da cor na Construção Literária em o Papel de Parede Amarelo

The Madness in Yellow: An Analysis of Color in the Literary Construction in the Yellow Wallpaper

Camila Assis Peres Silva

Doutora em Design e Arquitetura pela Universidade de São Paulo
Professor Adjunto da Universidade Federal de Campina Grande
E-mail: camila.assis@professor.ufcg.edu.br

Ítalo José de Medeiros Dantas

Mestrado em Design pela Universidade Federal de Campina Grande
Graduação em Design de Moda pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
E-mail: italodantasdesign@hotmail.com

Ramon Bastos Cordeiro

Graduação em Letras – Literaturas pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Professor do King of Languages
E-mail: ramonbastosc@outlook.com

Endereço: Camila Assis Peres Silva

R. Aprígio Veloso, 882 - Universitário, Campina Grande
- PB, 58428-830, Brasil.

Endereço: Ítalo José de Medeiros Dantas

R. Aprígio Veloso, 882 - Universitário, Campina Grande
- PB, 58428-830, Brasil.

Endereço: Ramon Bastos Cordeiro

R. Aprígio Veloso, 882 - Universitário, Campina Grande
- PB, 58428-830

Editor-Chefe: Dr. Tonny Kerley de Alencar
Rodrigues

Artigo recebido em 15/02/2022. Última versão
recebida em 09/03/2022. Aprovado em 10/03/2022.

Avaliado pelo sistema Triple Review: a) Desk Review
pelo Editor-Chefe; e b) Double Blind Review
(avaliação cega por dois avaliadores da área).

Revisão: Gramatical, Normativa e de Formatação



RESUMO

Este artigo discute o papel da cor na narrativa literária e o uso de simbologias como meio de guiar o personagem na trajetória e impactar na construção de relações com o ambiente desenvolvido. *‘O Papel de Parede Amarelo’* é um conto publicado pela primeira vez em janeiro de 1892 pela escritora americana Charlotte Perkins Gilman. Mediado pela cor amarela, o conto descreve um relacionamento conjugal, e uma jovem esposa que sofre de “depressão nervosa temporária” após o nascimento de seu bebê. Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é analisar e discutir como o elemento cromático é utilizado e como sua aplicação interfere na narrativa do conto *‘O Papel de Parede Amarelo’*. A partir desta investigação, esta pesquisa visa discutir e estimular o uso da cor como ferramenta narrativa, de acordo com os estudos da semiótica discursiva. Para tanto, os métodos e conceitos utilizados para a análise foram baseados nos trabalhos de Julien Greimas. Os resultados apontam para uma gama de significados que variam ao longo do texto de acordo com a relação da protagonista com seu ambiente e seu papel de parede amarelo. Da consternação à excitação, a cor amarela desempenha o papel de guiar a personagem desde um sentimento de melancolia, passando por um contexto de repulsa e recusa, atravessando um sentimento de instigação e prazer, atingindo finalmente um estado de obsessão com o papel de parede amarelo.

Palavras-chave: Greimas. Psicologia das Cores. Simbologia das Cores. Teoria Literária. Literatura Americana.

ABSTRACT

This paper discusses the role of color in the literary narrative and the use of symbologies as a means of guiding the character in the trajectory and impacting the construction of relationships with the surrounding people. The Yellow Wallpaper is a short story first published in January 1892 by the American writer Charlotte Perkins Gilman. It describes a marriage relationship, and a young wife suffering from “temporary nervous depression” after the birth of their baby is mediated by the yellow color. In this sense, the objective of this work is to analyze and discuss how the chromatic element is used and how it interferes with the narrative of the short story “*The Yellow Wallpaper*”. From that investigation, thus, this research aims to discuss and encourage the use of color as a narrative tool, based on the studies of discursive semiotics. To do so, the methods and concepts used for the analysis were based on Julien Greimas' works. The results point at a range of meanings that vary along with text according to the protagonist's relationship with her environment and its yellow wallpaper. From consternation to excitement, yellow color plays the role of guiding the character from a feeling of melancholy, going through a context of disgust and refusal, changing to a feeling of instigation and pleasure, finally reaching a state of obsession with the yellow wallpaper.

Keywords: Greimas. Color Psychology. Color Symbolology. Literary Theory. American Literature.

1 INTRODUÇÃO

Além de se tratar de uma das principais obras da literatura feminista do século XIX, O papel de parede amarelo, de Charlotte Perkins Gilman, possui uma narrativa permeada por um clima de suspense e mistério digno de grandes autores da literatura de horror de sua época. O conto, assim como a sua autora, surpreendeu a crítica ao abordar temas como a emancipação feminina e as amarras da sociedade patriarcal ao mesmo tempo em que foi capaz de desenvolver a tensão na obra (SANTOS, 2018).

Tendo em mente que textos escritos como contos, romances e poemas fazem uso de uma linguagem verbal para sua construção narrativa, associar a configuração do texto aos aspectos das teorias de comunicação visual, a primeiro momento, parece um trabalho complexo. Entretanto, em *‘O Papel de Parede Amarelo’*, podem-se observar utilizações bastante representativas do elemento cromático para a construção do clima da obra. Gilman utiliza a cor amarela do papel de parede que dá título ao conto como um importante elemento para a construção desta narrativa de suspense, tornando-se um objeto espacial (BORGES, 2019). Sendo assim, surgiu a curiosidade em verificar e analisar esses usos feitos pela autora através da perspectiva da semiótica discursiva, compreendendo o processo de desenvolvimento e projeção de significação da cor amarela enquanto catalisadora do espírito da loucura.

Observando a semiótica discursiva como uma aliada da teoria literária e buscando entender melhor a utilização das cores na elaboração de um texto literário, foi feita uma análise semiótica com o intuito de justificar a escolha da cor amarela por parte da autora do conto para provocar determinadas reações e sentimentos em seus personagens e no próprio leitor, o que é possível de acordo com as teorias de Johann Wolfgang von Goethe sobre os efeitos que as cores possuem na cognição humana.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Percepção e Linguagem Visual

A unicidade na maneira com que se percebe o ambiente é o que torna um ser humano diferente dos demais. A subjetividade do processo humano da percepção e interação com seu redor causa o efeito de personalização e exclusividade nas experiências. Moreira, Jacques e Pizzato (2018, p. 7) explicam que essa interação depende da “existência de um determinado

atributo que esteja vinculado a um estímulo visual”. Nessa perspectiva, compreende-se que os sentidos sensoriais humanos são responsáveis por executar ações de reconhecimento da forma e do ambiente, obtendo as respostas emocionais que poderão ser negativas ou positivas à cognição.

É nesse contexto que surge a noção de comunicação visual como canal metodológico no desenvolvimento de vínculos emocionais com os observadores. Farina (2006, p. 29) expressa que “conhecer essas propriedades é de fundamental importância aos que se valem da imagem para transmitir mensagens”. É necessário compreender os meios de manipulação e construção visual para desenvolver mensagens que sejam entregues aos espectadores de maneira efetiva.

Esses meios são chamados de elementos e princípios da linguagem visual, sendo ressaltados por Dondis (2003, p. 22) como “tudo o que vemos e criamos compõem-se dos elementos visuais básicos que representam a força visual estrutural básica”. Todas essas concepções servem para moldar uma comunicação visual assertiva. Dentro desse universo, a cor é responsável por gerar uma identificação imediata, sendo a primeira a ser percebida pelo observador.

2.2 Cor, Simbologia e Cultura

O modo como as pessoas percebem as cores e recebem suas mensagens se encontra condicionado à vivência do indivíduo com o mundo, ao mesmo tempo que o processo de individualidade é desenvolvido a partir das relações interpessoais em uma sociedade. Ao se colocar diante de uma cor, são ativadas todas as referências e bagagens culturais com relação a essas variáveis mencionadas. Ao correlacioná-las com o contexto temos, conforme Michel Pastoureau (1997), a cor como um produto cultural, isto é, indissociável da cultura.

Vilém Flusser (2008) expõe que os indivíduos tendem a atribuir simbologias às cores a fim de tornar a vivência humana menos vazia, dando-lhe significados e motivações. Heller (2013) afirma que essas construções não são fenômenos do acaso, mas vivências comuns, perpassadas e instauradas no repertório linguístico do indivíduo, frutos das convenções pré-estabelecidas em uma sociedade.

As simbologias surgem de acordo com as características inerentes da cor e seu uso social. Como recorte de pesquisa, explora-se neste trabalho a realidade da cor amarela frente às simbologias que o matiz adquiriu com o passar dos anos. Heller (2013) classifica a cor amarela como a cor mais contraditória de todas, o que é totalmente perceptível através das

simbologias identificadas pelos principais pesquisadores da cor, expostas em síntese no Quadro 1.

Quadro 1 – Significados da cor amarela propostos pelos pesquisadores da cor

	Pedrosa (2004)	Farina (2006)	Pastoureau (1997) (2011)	Aballí (2010)	Heller (2013)	Goethe (2013)
AMARELO	Amor Calor Clareza Desrespeito Energia Eternidade Fé Sabedoria Traição Virtudes Cristãs	Adolescência Alerta Ciúme Conforto Egoísmo Esperança Espontaneidade Euforia Expectativa Gozo Idealismo Iluminação Inveja Ódio Orgulho Originalidade Variabilidade	Alegria Calor Doença Energia Loucura Luz Melancolia Mentira Ouro Prosperidade Riqueza Traição	Alegre Desperta Suavidade Excitante Volátil	Acidez Amabilidade Avareza Ciúmes Egoísmo Envelhecido Espontaneidade Hipocrisia Infidelidade Inteligência Inveja Jovialidade Lúdico Luz Otimismo Outro Traição Verão	Estimulante Vivaz Ativa Serena Animada Calorosa Agradável Tendendo ao verde: Desagradável Vergonhosa Repulsiva

Fonte: Lima (2020) expandido de Silva (2017) com base em Pedrosa (2004), Pastoureau (1997; 2011), Farina (2006), Aballí (2010), Heller (2013) e Goethe (2010)

Percebe-se, assim, a dualidade inerente ao matiz cromático amarelado, variando de características positivas, como jovialidade, prosperidade, otimismo, a características negativas como ciúme, avareza e traição. O contexto, portanto, acaba por ser crucial na determinação das simbologias. Wassily Kandinsky (2000) explora em seu livro as sensações visuais que as cores conotam, tendo o azul um poder concêntrico, enquanto o amarelo seria o oposto, com um poderio excêntrico. O autor supracitado complementa trazendo que ao tentar tornar o amarelo uma cor fria, ele seria transformado em um tom esverdeado, perdendo o poder excêntrico.

Derivada dessas sensações cromáticas, as cores comandam grande parte na influência das relações que as pessoas exercem com o ambiente, mudando questões como humor, clima ou até mesmo as aparências dos indivíduos, tudo à mercê das aplicações cromáticas em paredes, móveis ou pisos. Luft (2011) explica que por conta disso há a necessidade de se procurar composições cromáticas que sejam consideradas mais harmoniosas e coerentes para

o contexto que se está trabalhando. Um estudo conduzido por Boccanera, Boccanera e Barbosa (2006) demonstra essa questão com relação às UTIs de três hospitais públicos, obtendo como azul-claro e verde-claro as cores mais agradáveis, à medida que vermelho e preto foram as mais desagradáveis, percebido principalmente em decorrência da sua simbologia e sensação intrínseca.

2.3 Semiótica

Signo é denominado como tudo aquilo que significa algo para alguém. É com essa noção básica que se introduz a ideia de que a semiótica é classificada como a ciência que estuda os signos linguísticos, verbais e não verbais e os seus respectivos significados. A semiótica, como obra desse universo, discerne o processo de produção desses significados, observando como foi construído meticulosamente e o caminho que o levou ao resultado final (Peruzzolo, 2016). Santaella (2005, p. 13) afirma que a semiótica é constituída pelo “exame dos modos de constituição de todo e qualquer fenômeno de produção de significação e de sentido”.

De maneira geral, a semiótica conhece dois fundadores, Charles Sanders Peirce e Ferdinand de Saussure, em contrapartida, os autores divergem suas visões nos pontos que constituem seus objetos de estudo. Enquanto Peirce existe para o conceito de semiótica mais generalizada, tanto verbal como não-verbal, Saussure adentra como pai da semiologia, estudando o processo e significação apenas ao reconhecer os efeitos a partir da perspectiva da linguística, tanto falada como escrita, ou seja, a linguagem somente verbal (Santaella, 2002; Pignatari, 2004).

Emerim (2016) discute, com base nas palavras de Barros (1990), a existência do texto em duas perspectivas: objeto de significação e objeto da comunicação, sendo a primeira com relação à estrutura textual, à medida que a segunda denota aspectos do contexto em que o trabalho se encontra inserido. Adentrando especificamente na semiótica abordada no âmbito desse trabalho, Algirdas Julien Greimas, cerca de 1960, revoluciona os estudos semióticos ao trazer à tona a noção de semiótica narrativa, ou também, discursiva, continuando a corrente teórica de Saussure (SILVA, 2010).

Tendo como princípio a busca pela compreensão do desenvolvimento dos dispositivos de significados dentro dos textos, considerando três perspectivas de enunciado (o sujeito, o enunciador, e a pessoa que recebe o discurso, o enunciatário), parte-se da noção que uma

interlocução é composta por esses pontos, as especificidades técnicas desta teoria serão melhores exploradas no tópico de metodologia.

Indo além, Caivano (1998, p. 390, tradução nossa) defende o uso das teorias semióticas nos estudos das cores à medida que o método consegue fornecer uma base teórica-metodológica de análise e apreciação para todas as dimensões de percepção dos elementos cromáticos, sendo estas o viés psicológico, fisiológico e físico, pois a cor, enquanto signo, depende de diversos fatores, especialmente do contexto em que foi alocada. O autor supracitado ainda conclui explicando que a cor “pode funcionar como um signo para o fenômeno físico, como um mecanismo para o fisiológico ou como uma associação para o fenômeno psicológico”. Assim, enxerga-se que a cor quando aplicada em ambientes ou utilizada na narrativa de um conto pode interagir com os personagens, afetando sua natureza e sua história.

2.4 O conto

Publicado originalmente pela *New England Magazine* em janeiro de 1892 e escrito por Charlotte Perkins Gilman, O Papel de Parede Amarelo, visto na época como um grande conto de horror nos moldes de Edgar Allan Poe (Melo, 2018:50), é também considerado até hoje como um dos primeiros e mais importantes textos da chamada literatura feminista.

Gilman foi uma das principais representantes do movimento feminista nos Estados Unidos em sua época, segundo Santana (2018) e Ferreira (2019). Sua obra conta com textos de não-ficção, como *Women and economics* (1898) e textos literários, como o famoso romance utópico *Herland* (1915) e diversos contos, dentre eles O papel de parede amarelo. O texto retrata com maestria os costumes e pensamentos da sociedade burguesa estadunidense no final do século XIX, tecendo uma forte crítica aos papéis de gênero impostos em sua época.

O conto é narrado em primeira pessoa, sob a perspectiva de uma mulher, cujo nome não é citado, que sofre de uma doença também não especificada, tratada na história como um problema de nervos. Seu marido, John, é médico e ressalta por diversas vezes a importância de levar a sério o tratamento da esposa. O tratamento, que consiste em um isolamento social com repouso absoluto e uma dieta específica, faz com que o casal se mude para uma mansão colonial em um lugar afastado, onde terão mais sossego. A ela, é reservado um quarto no andar de cima.

A narradora é privada de quaisquer atividades que a estimulem intelectualmente. Reservada exclusivamente aos próprios pensamentos, ela demonstra por diversas vezes a sua

frustração diante da própria incapacidade de realizar ações que lhe eram tão básicas e corriqueiras, chegando a se considerar um fardo na vida do marido. Seu atual quarto, que aparentemente havia pertencido a crianças, era revestido por um papel de parede amarelo, muito sujo e desgastado pelo tempo. Desde o princípio, a personagem demonstra interesse naquele ambiente e naquela decoração. O papel de parede a instiga, ora causando fascínio, ora causando repulsa. O convívio da protagonista com o quarto e com o papel de parede se torna tão intenso, graças ao seu isolamento, que observar as formas e os desenhos nas paredes se torna parte da sua rotina.

Apesar de afirmar acreditar na importância do tratamento proposto por John, a narradora do conto começa a se sentir cada vez mais sufocada pelo ambiente. Com sua atenta observação, ela percebe movimentos nos desenhos do papel de parede, e passa a enxergar uma mulher ali. Uma figura feminina que some e depois reaparece, interferindo no padrão do papel de parede e se rastejando por ele, como se tentasse se libertar.

No conto, Gilman utiliza tanto as atitudes de John e o isolamento da protagonista quanto o rastejar da mulher presa no papel de parede amarelo para ressaltar as questões de gênero que já eram debatidas pelo movimento feminista da época, como afirma Ana Paula Branco de Melo em seu artigo “Mulheres, loucura e escrita no século XIX: um estudo sobre a obra O papel de parede amarelo de Charlotte Perkins Gilman (1892)”. Dessa forma, é possível compreender a importância dada a ‘O papel de parede amarelo’ no campo dos estudos literários e também nos estudos feministas, visto que o subtexto do conto apresenta as insatisfações das mulheres em meio ao patriarcalismo do século XIX, narrado pelo ponto de vista de uma mulher que sofria tais opressões na sociedade em que ela vivia (MELO, 2018, p. 56).

3 METODOLOGIA

A pesquisa se trata de um estudo de caso, pois objetiva a apreciação de um único objeto de maneira aprofundada. Nesse sentido, com foco na observação e análise do conto ‘O Papel de Parede Amarelo’, da autora Charlotte Perkins Gilman. Tendo em mente os problemas com tradução, a corrente pesquisa seguirá as justificativas de seleção de edição do mesmo conto trazidas na monografia de Bruna Oliveira Brum (2019, p. 6), “dessa forma, por considerar a tradução mais fiel ao contexto do conto, optamos por analisá-lo a partir da edição disponibilizada pela LeLivros e traduzida por José Manuel Lopes”.

Com relação aos meios de análise estabelecidos, foram utilizadas as noções firmadas pela semiótica discursiva de Greimas, seguindo aquela instaurada por Barthes (2006), em que

o autor explicita ser necessário empregar o princípio da pertinência. Assim, uma das formas de se analisar obras é justamente decompondo suas partes. A semiótica é o melhor meio, nesse contexto, para se executar essa análise.

3.1 Método de análise em Semiótica Discursiva

Como mencionado anteriormente de forma breve, no tópico de revisão bibliográfica, a semiótica discursiva é utilizada na compreensão dos mecanismos do discurso, isto é, como se configuram as narrativas no que tange à sua construção de sentido no texto e o percurso desenvolvido a esse processo de geração de significados. Tendo em mente a linha teórica da semiótica discursiva, a análise aqui desenvolvida seguirá os parâmetros principais dessa teoria (FIORIN, 2013; EMERIM, 2016). Denominado de Percurso Gerativo de Sentido, os métodos subsidiados pela semiótica discursiva englobam níveis de compreensão e produção de sentido dentro das linguagens textuais e narrativas (GOMES; BARROS, 2019).

Em objeto da significação, subdivide-se em três níveis, do mais simples, o discursivo, passando pelo intermediário, nível narrativo e, por fim, o mais complexo dentre todos os níveis de observação e análise, o nível fundamental. O desenvolvimento narrativo de um discurso segue tomando forma a partir de uma discussão específica de tópicos. Em nível discursivo, é analisada a relação dos sujeitos com o espaço, e com o tempo, identificando traços do processo de enunciação observado por Greimas, isto é, alguém que diz algo e alguém que recebe (DARIZ, 2015; DIAS, 2016). Batista, Martins e Arrazola (2017, p. 229) expressam que se deve “mostrar os temas presentes no texto, assim como as figuras que dão concretude aos elementos abstratos dos níveis mais profundos do texto”. Nesse cenário, a cor será analisada com relação ao contexto em que se insere.

Em nível narrativo, observa-se o processo do estado do sujeito que o leva às suas ações. Toma partido em uma sequência de quatro estágios: manipulação, momento em que um sujeito do discurso age sobre o outro; competência, relacionado ao fato de que o sujeito é dotado de um poder-fazer ou saber-fazer aquilo que foi manipulado; performance, exato momento em que se acontece o processo de manipulação, transicionando-o; e a sanção, quando a manipulação é enfim efetivada e analisada através dos pontos de vistas dos sujeitos envolvidos. Será analisado como a cor é envolvida nesse entremeio (DARIZ, 2015; DIAS, 2016).

Ainda nesse mesmo tópico, em nível fundamental, subtraem-se as partes semânticas que compõem o discurso, identificando também as oposições, a partir disso, classificando os valores que carregam os significados do texto, sejam estes positivos, postos como atraentes ou eufóricos ou os negativos, trazidos como repulsivos ou disfóricos. Na análise, isso será aplicado através da maneira em que a cor cria oposição e é usada como objetivo de desempenho enunciação positivo-negativo na obra (DARIZ, 2015; DIAS, 2016).

4 DISCUSSÕES E RESULTADOS

4.1 Análise do nível discursivo

Quando se fala da sintaxe no nível discursivo, como também foi proposto na pesquisa de Batista, Martins e Arrazola (2017, p. 229), deve-se levar em consideração a pessoa, o espaço e o tempo, analisando a presença de marcas da enunciação no enunciado. Já na semântica do nível discursivo, serão mostrados os temas discutidos no texto.

4.1.1 Sintaxe do nível discursivo

- **Pessoa:** A cor amarela, que desde o primeiro momento atrai a atenção da protagonista do conto. Descrita por ela como repulsiva e suja, a cor é responsável por provocar as mais diversas reações na personagem.
- **Lugar:** Estados Unidos da América, Charlotte Perkins Gilman não especificou a região, o estado ou a cidade onde o conto se passa. Apesar disso, a narrativa é centrada numa mansão colonial, um lugar tranquilo, silencioso e afastado da cidade, com ênfase em apenas um dos quartos que é adornado por um papel de parede amarelo.
- **Tempo:** Publicado e ambientado no século XIX, o conto demonstra a realidade da sociedade burguesa norte-americana da época, apresentando seus costumes, ideias e questões como a visão médica.

4.1.2 Semântica do nível discursivo

Diversos temas são trabalhados no conto de Charlotte Perkins Gilman. Dentre eles, destaca-se a condição feminina, aqui restringida à realidade burguesa estadunidense do século XIX, como comentam Gianvechio, Borges e Carrijo (2019, p. 200), ao expor que “Fica evidente como é desgastante e cansativo escrever com uma oposição constante, ainda que esta escrita seja feita de forma “dissimulada” – como estratégia –, mas ainda assim não se vê livre de julgamentos e retaliações”.

Além disso, também se identificou como uma das principais temáticas presentes no conto, a loucura, que é supostamente desenvolvida pela personagem. Sendo uma das simbologias expostas por Pastoureau para a cor amarela, o amarelo pode ser facilmente categorizado como um dos catalisadores da loucura em “O papel de parede amarelo”, o que se pode perceber ao longo de toda a narrativa.

É interessante observar também como ambas as temáticas se entrelaçam. A condição da protagonista é agravada não apenas pela sua saúde mental, mas pela sua posição subalterna na sociedade patriarcal em que vive e que é destacada na narrativa, já que Gilman constrói uma protagonista que é impedida até mesmo de escrever por parte do seu marido, algo que era fundamental em sua vida, como diz Cristina Vianna Moreira dos Santos. “Pensando em estratégias de instrumentalização e controle, o esposo, que detesta que ela escreva, insiste para que ela não se entregue a devaneios, depreciando seu poder imaginativo e sua capacidade de produzir histórias” (SANTOS, 2018, p. 260).

Observando essas relações entre as vivências femininas do século XIX e o papel de parede amarelo enquanto catalisador da loucura da protagonista, percebemos não apenas elementos que contribuem para o aumento da qualidade literária da obra, mas também uma dedicação por parte da autora em retratar as dificuldades presentes nas vivências de sua personagem, em diálogo com situações reais e comuns em sua época.

4.2 Análise do nível narrativo

Buscou-se compreender os processos de encadeamento de acontecimentos nos quais tramitam os personagens envolvidos no texto.

4.2.1 Manipulação

A cor-pigmento amarela do papel de parede assume uma perspectiva primordial enquanto manipular dentro do discurso, à medida que leva a protagonista em um estado cíclico de /consternação/, fazendo-a desenvolver uma inquietude torturante. “A cor já é medonha o bastante, duvidosa o bastante e enfurecedora o bastante” (GILMAN, 2020, p. 43). Ao se encontrar diante de um lugar sem saída, compreende que ficará presa por uma relativa quantidade de dias, desenvolvendo, dessa maneira, a noção de /excitação/, afinal a personagem constata ser o único artefato disponível no ambiente para ser analisado.

A personagem é levada a acreditar que a cor amarela do papel de parede lhe causa fantasias. Indicando que se sente cansada, preguiçosa, fraca, assim como inúmeras sensações

negativas que a manipulam a agir sobre o assunto, a desenvolver algum tipo de competência para com o que está ocorrendo entre a cor daquele papel de parede e sua cognição e saúde mental, assim como elucida Cayann (2018). “Posso suportar este quarto muito melhor do que um bebê” (GILMAN, 2020, p. 37).

4.2.2 Competência

Curiosa, a protagonista dominada por um saber-fazer, analisa cuidadosamente cada aspecto do papel de parede amarelo, tomada pela perspectiva do objeto de valor da /excitação/, observando sua mutabilidade através da luminosidade que o passar do dia acarreta, descobrindo que, enquanto característica não inerente dos objetos, a cor muda à mercê da luz, ganhando ou perdendo luminosidade, sendo assim, evocando novas sensações no âmago do trilhar à loucura da personagem. “Que amarelo mais estranho o desse papel! Faz-me pensar em todas as coisas amarelas que já vi — não as belas, como os ranúnculos, mas as velhas, repugnantes e vis” (GILMAN, 2020, p. 51-52).

A cor leva a personagem, por sua vez, a uma noção de poder-fazer, uma ação verdadeiramente prática que denota os conhecimentos iniciais de seu surto, buscando descobrir o que são as imagens que o amarelado daquele artefato que adorna o seu cômodo, além de, a seguir, ser tomada por uma súbita determinação de arrancá-lo.

4.2.3 Performance

Sua decisão de ação só acontece realmente quando se vê sem saída da tortura psicológica, afetada em um alto nível pelos objetos de valor que compreendem a /consternação/ e a /excitação/, isto é, um estado de obsessão; presa no quarto há longas semanas, a personagem decide buscar as coisas que a coloração amarelada do papel de parede lhe evoca, as imagens de mulheres, que tendem a sair do papel. “Ele está terrivelmente grudado, e o padrão adora isso! Todas aquelas cabeças estranguladas e olhos bulbosos e fungos bamboleantes zombam de mim!” GILMAN, 2020, p. 66-67).

Tendo atingido seu ápice, a protagonista do conto decide cessar seus dias no cômodo diante do papel de parede amarelo, tirando sua vida, demonstrando uma proximidade alta com a conjunção dos objetos de valor de /consternação/ e /não excitação/, desenvolvendo um alto grau de repulsa à cor, levando-a à loucura completa.

4.2.4 Sanção

O cessar de sua vida, em performance, tenta demonstrar a necessidade de um pedido de ajuda para com o seu marido, como a tentativa de descoberta do que seriam aquelas mulheres dentro do papel de parede amarelo. ““Finalmente consegui sair”, respondi, “apesar de você e de Jane! E arranquei a maior parte do papel, então você não vai poder me colocar de volta!”” (GILMAN, 2020, p. 69).

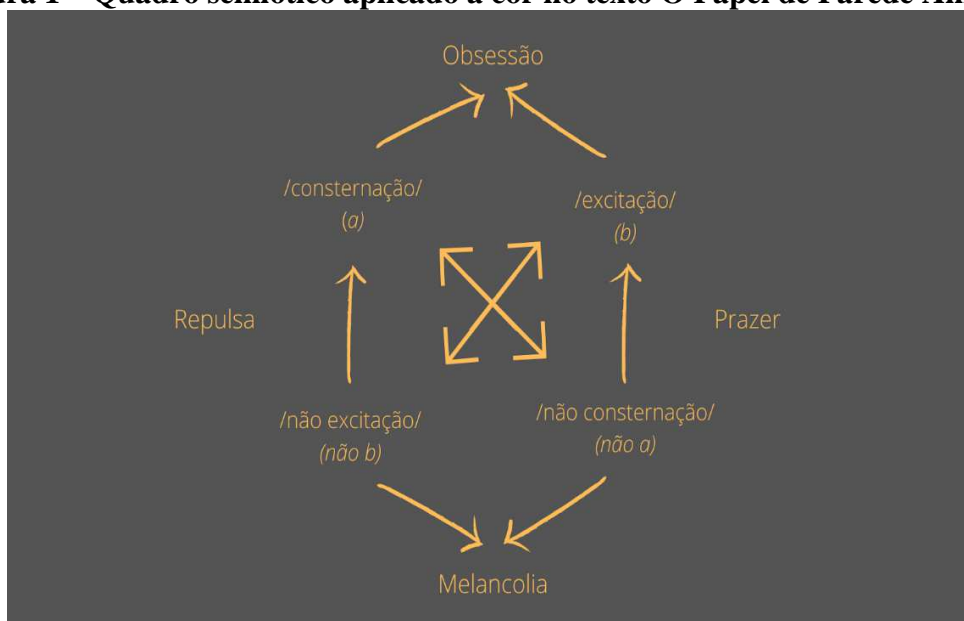
A sanção da cor dentro do conto é o ponto em que a protagonista sucumbe ao espectro de loucura potencializada pela visualização da luz amarelada do papel de parede, enxergando ilusões visuais de mulheres que são evocadas pelo artefato em todo o ambiente. Ao tentar matar-se e atingir o procedimento de falha, as pessoas ao seu redor, isto é, o seu marido e a empregada da casa, conseguem visualizar o caminho, a performance que a cor conduziu a protagonista a percorrer.

4.3 Análise do nível fundamental

Subdividido em plano semântico e sintático, o nível fundamental segue um quadrado semiótico, isto é, uma regra básica colocada por Fiorin (2013, p. 23) citada na pesquisa de Batista, Martins e Arrazola (2017, p. 222) onde delimita que “dada uma categoria tal que *a* versus *b*, podem aparecer as seguintes relações: (1) afirmação de *a*, negação de *a*, afirmação de *b*; (2) afirmação de *b*; negação de *b*, afirmação de *a*”. Seu desenvolvimento se centra, principalmente, em delimitar a intencionalidade dos termos que compõem o discurso, sendo categorizados como eufórico ou disfórico.

4.3.1 Semântica do Nível fundamental

Tendo isso em mente, observou-se que o texto *O Papel de Parede Amarelo* coloca a cor amarela dentro dos objetos de valor /consternação/ e /excitação/, categorizando-os enquanto antônimos, simbologias possíveis e perceptíveis no Quadro 1. Ao negá-los, gera a /não consternação/ e o /não excitação/, contrários aos que o negam. Nesse sentido, quando se tem a /consternação/ junto à /excitação/, trilha-se a obsessão, ao ser instigante. À medida que, quando se nega totalmente a /consternação/ chega-se à /excitação/, cujo resultado é o prazer. Por sua vez, quando se nega a /excitação/, busca-se a /consternação/, cujo resultado pela percepção do sujeito é a repulsão, o nojo. No entanto, quando se observa uma convergência entre as duas negações, a /não consternação/ e a /não excitação/, chega-se à melancolia (Figura 1).

Figura 1 – Quadro semiótico aplicado à cor no texto O Papel de Parede Amarelo

Fonte: Elaborado pelos autores, 2021.

O texto de Charlotte Perkins Gilman apresenta duas relações a partir da perspectiva do elemento cromático com a narrativa. Primeiro, percebe-se uma relação entre a protagonista e o papel de parede de cor amarela e, dentro dessa dinâmica, o objeto de valor /excitação/ denota valor eufórico, à medida que /consternação/ se compreende enquanto um elemento disfórico.¹

Ainda, existe uma relação do marido médico da protagonista para com a cor do papel de parede que adorna o quarto e que acontece ao contrário da protagonista. Para a performance desse personagem dentro da narrativa, a cor do papel desempenha um nível eufórico quando em /consternação/, conforme /excitação/ demonstra um sentido disfórico.

Quando em /consternação/ para o marido, as passagens apontam: “Imagino que John nunca tenha ficado nervoso na vida. Ele ri tanto de mim por causa desse papel de parede!” (GILMAN, 2020, p. 20). Em contrapartida, quando em /excitação/ para o marido, as passagens apontam: “Em mais de uma ocasião, ao entrar subitamente no quarto, sob os mais inocentes pretextos, e sem que ele se desse conta de que eu o estava observando, flagrei John olhando para o papel!” (GILMAN, 2020, p. 46) e “Só me restam dois dias para arrancar este papel, e creio que John está começando a perceber. Não gosto da expressão em seu olhar.” (GILMAN, 2020, p. 61). Portanto, justificam-se os níveis de relação por perceber na

¹ Vale a pena ressaltar que os termos “excitação” e “consternação”, empregados no quadro semiótico, foram estabelecidos pelos autores deste artigo como palavras que conseguem sintetizar as relações eufóricas e disfóricas existentes no conto. No entanto, nenhum dos dois termos aparece no conto de Charlotte Perkins Gilman.

construção narrativa o incentivo da figura do marido para com os efeitos negativos do papel de parede amarelo na saúde mental da protagonista.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, identificou-se uma atribuição dicotômica da cor no conto mencionado anteriormente, inserindo-a em dois parâmetros de influência: /consternação/ e /excitação/, categorizando esse elemento tanto em um sentido disfórico, quanto eufórico, seja pela visão da protagonista, como pela do seu marido. Além, as simbologias inerentes à cor amarelada do papel de parede desempenharam um esquema primordial na construção do enredo que guia a história da protagonista de sua fase prefacial, passando pelas descobertas e observação do ambiente ao surto em seu estado máximo de loucura.

De acordo com esses resultados, pode-se concluir que a cor tem potencial de desempenhar papéis decisórios na narrativa de um conto literário, podendo ter suas simbologias influenciando todo o construto do enredo e das inter-relações que se desenvolvem entre os personagens, seus iguais e os ambientes.

Acredita-se que também é válido desenvolver essa mesma análise pelas teorias de outros semioticistas e semiólogos. Vale a pena ainda ressaltar que a cor delimitou aspectos importantes para a narrativa, contudo não sendo a única, compreendendo uma valiosa consonância com demais elementos e princípios do design, como comentado pela própria protagonista no conto. As contribuições dessa pesquisa se relacionam com as áreas de linguística, teoria e prática da cor e semiótica.

REFERÊNCIAS

ABALLI, I. **Sobre a cor**: tratado em preto e branco para seu uso e aplicação. São Paulo: Projeto Octógono Arte Contemporânea. Pinacoteca do Estado de São Paulo. Catálogo de exposição, 2010.

BARROS, D. L. P. **Teoria semiótica do texto**. São Paulo: Ática, 1990.

BARTHES, R. **Elementos de semiologia**. Tradução de Izidoro Blikstein. 16. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

BATISTA, I. M. S.; MARTINS, M. M.; DUQUE-ARRAZOLA, L. S. Semiótica discursiva aplicada a um post de transição capilar do Facebook. **Infodesign**, v. 14, n. 2, p. 218-233, 2017.

BRUM, B. O. **Relações de poder no conto O Papel de Parede Amarelo**. Monografia (Licenciatura em Letras) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Passo Fundo. Passo Fundo, 2019.

BOCCANERA, N. B.; BOCCANERA, S. F. B.; BARBOSA, M. A. As cores no ambiente de terapia intensiva: percepções de pacientes e profissionais. **Rev. Esc. Enferm. USP**, v. 40, n. 3, p. 343-349, 2006.

BORGES, L. A. O Capote e O Papel de Parede Amarelo: desdobramentos sobre a noção de estranhamento. **Cadernos da Fucamp**, v. 18, n. 34, p. 54-66, 2019.

CAIVANO, J. L. Color and semiotics: a two-way street. **Color Research and Application**, v. 23, n. 6, p. 390-401, 1998.

CAYANN, N. "E o que se pode fazer?" - *gaslighting* em *O Papel de Parede Amarelo*. **Revista Ribanceira**, v. 14, p. 145-148, 2018.

DARIZ, M. R. **Introdução à semiótica discursiva**. 2015. Disponível em: educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/429887/2/Introdução%20aos%20Estudos%20de%20Semiótica%20Discursiva2.pdf. Acesso em 27 mai. 2020.

DIAS, A. R. A aplicação da semiótica discursiva na análise da comunicação publicitária para divulgação da marca. **Intexto**, n. 37, p. 394-412, 2016.

DONDIS, D. A. **Sintaxe da Linguagem Visual**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

EMERIM, C. Semiótica discursiva: aplicações na pesquisa em jornalismo. *In*: SCÓZ, M.; VANDRESEN, M.; OLIVEIRA, S. R. (orgs.). **Proposições interativas: modos de produzir sentidos**. Florianópolis: Ed. UDESC, p. 159-184, 2016.

FARINA, M.; BASTOS, D.; PEREZ, C. **Psicodinâmica das cores em comunicação**. São Paulo: Edgard Blucher, 2006.

FERREIRA, A. B. A identidade e a escrita femininas no conto "O papel de parede amarelo", de Charlotte Perkins Gilman. **ContraCorrente: Revista do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas**, [S.l.], n. 13, p. 109-122, jun. 2019.

FIORIN, J. L. **Elementos de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2013.

FLUSSER, V. **O Mundo Codificado**. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

GIANVECHIO, H. M.; BORGES, L.; CARRIJO, S. A. B. O papel da mulher X a mulher no papel: o conto "O papel de parede amarelo", de Charlotte Perkins Gilman nos labirintos da escrita feminina. **Revista Tabuleiro de Letras**, v. 13, n. 2, p. 192-207, 2019.

GILMAN, C. P. **O papel de parede amarelo**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2020.

GOETHE, J. W. V. **Doutrina das cores**. Tradução Marco Giannotti. São Paulo: Nova Alexandria, 2011.

GOMES, D. L.; BARROS, T. H. B. O discurso em ontologias: uma abordagem a partir da semiótica discursiva. In: BARROS, T. H. B.; TOGNOLI, N. B. (org.). **Organização do conhecimento responsável: prometo sociedades democráticas e inclusivas**. Belém: Universidade Federal do Pará, 2019. p. 372-381.

HELLER, E. **A Psicologia das Cores: como as cores afetam a emoção e a razão**. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

KANDINSKY, W. **Do espiritual na arte**. 3a ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

LIMA, Y. L. F. **A influência da cor na interpretação da mensagem em capas monocromáticas de livros**. 158 f. Dissertação (Mestrado em Design) - Centro de Ciências e Tecnologia, Unidade Acadêmica de Design, Universidade Federal de Campina Grande. Campina Grande, 2018.

LUFT, M. G. C. Um estudo de cores em Josef Albers para um ambiente infantil. **Da Pesquisa**, v. 6, n. 8, p. 287-305, 2011.

MELO, A. P. B. Mulheres, loucura e escrita no século XIX: um estudo sobre a obra O papel de parede amarelo de Charlotte Perkins Gilman (1892). **Revista Mundo Livre**, v. 4, n. 2, p. 48-57, 2018.

MOREIRA, A. C.; JACQUES, J. J.; PIZZATO, G. Z. A. Experiência estética e percepção visual: análise de abordagens e proposição de um modelo unificado para o design. **Revista Educação Gráfica**, v. 22, n. 3, p. 06-17, 2018.

PASTOUREAU, M. **Preto: história de uma cor**. Tradução Lea P. Zylberlitch. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2011.

PASTOUREAU, M. **Dicionário das cores do nosso tempo: simbólica e sociedade**. Tradução Maria José Figueiredo. Lisboa: Editorial Estampa, 1997.

PEDROSA, I. **O Universo da Cor**. 1. ed. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2004.

PERUZZOLO, A. C. **Elementos de semiótica da comunicação**. 3. ed. Brasil: Paco Editorial, 2016.

PIGNATARI, D. **Semiótica & Literatura**. 6. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

SANTAELLA, L. **Semiótica aplicada**. São Paulo: Pioneira, 2005.

SANTAELLA, L. **O que é semiótica**. Brasil: Brasiliense, 2002.

SANTANA, M. M. **A mulher no conto O Papel de Parede Amarelo: cerceamento e relação de poder**. Monografia (Licenciatura em Letras) - Unidade Acadêmica de Letras, Centro de Formação de Professores, Universidade Federal de Campina Grande. Cajazeiras, 2018.

SANTOS, C. V. M. O Papel de Parede Amarelo: um conto sobre saúde mental de mulheres. **Rebeh - Revista Brasileira dos Estudos da Homocultura**, v. 1, n. 4, p. 257-264, 2018.

SILVA, C. A. P. **As cores e as formas dos cheiros**: as correspondências entre os sentidos da visão e do olfato no design de embalagem para perfumes. 2017. 298 f. Tese (Doutorado em Design e Arquitetura) - Universidade de São Paulo, USP, Brasil.

SILVA, F. A. Q. **A proposta epistemológica de A. J. Greimas a partir da relação entre leitura e a estrutura profunda da significação**. 2010. 109 f. Monografia (Bacharelado em Comunicação Social) - Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília. Brasília, 2010.

Como Referenciar este Artigo, conforme ABNT:

SILVA, C. A. P; DANTAS, I. J. M; CORDEIRO, R. B. A Loucura em Amarelo: Uma Análise da cor na Construção Literária em o Papel de Parede Amarelo. **Rev. FSA**, Teresina, v.19, n. 6, art. 4, p. 72-89, jun. 2022.

Contribuição dos Autores	C. A. P. Silva	I. J. M. Dantas	R. B. Cordeiro
1) concepção e planejamento.	X	X	X
2) análise e interpretação dos dados.	X	X	X
3) elaboração do rascunho ou na revisão crítica do conteúdo.	X	X	X
4) participação na aprovação da versão final do manuscrito.	X	X	X